

O HISTORIADOR PORNÓGRAFO: OS CORPOS DA PROSTITUIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Eixo temático 27: o corpo e os efeitos das práticas para além dos órgãos

José Humberto Carneiro Pinheiro Filho¹

Resumo simples:

A prostituição são histórias de escritos na história. Escritos que são também inscrições, feitas em carnes, em corpos. E não me refiro aqui à imagem de uma mulher e seu cliente numa experiência sexual venal. Aliás, essas histórias não devem ser definidas somente como uma questão de mulheres que negociaram comercialmente o sexo. Por isso que com as produções discursivas e extra-discursivas (notas em jornais, relatórios oficiais, textos literários e científicos) para a classificação da prostituição nas primeiras décadas do século XX em Fortaleza, capital do estado do Ceará, o que se quer discutir é uma configuração urbana distribuindo representações e usos corporais, como leis, normas e percepções do cotidiano, para uma “localização do meretrício” municipal.

Palavras-chave: corpo; prostituição; sexualidade

Resumo expandido²:

Introdução e Metodologia:

Quando nesta pesquisa quero lançar uma discussão sobre as composições discursivas e extra discursivas que fizeram emergir o problema da prostituição na primeira metade do século XX em Fortaleza, desejo propor o que vou chamar de uma contravenção das figuras que teriam sido contornadas nessas práticas ditas e escritas para que fosse preenchida como corpos e espaços essa prostituição e seus “contrários”, para que houvesse a “mulher privada”, do lar, mãe dos filhos e esposa do marido, de um lado e com sua “forma” e seu “corpo íntegro”, e a “mulher pública”, da “vida”, “horizontal”, de “pensão alegre”, prostituta da cafetinagem e dos clientes, do meretrício,

¹ Doutorando em História na Universidade Federal de Pernambuco, hpfl808@gmail.com

² Este texto foi elaborado a partir de pesquisa de doutorado em desenvolvimento na Universidade Federal de Pernambuco e que conta com bolsa de financiamento da CAPES.

de outro lado (inclusive para o outro lado da cidade) e com outra forma, como se fosse uma “deformação” da primeira, e suas “carnes devassas”. Essa ideia de um exercício de contração crítica para uma história da prostituição em Fortaleza é também um trabalho de contraordenamento da produção das divisões que tentaram fazer dizível e visível uma cidade pelo que deveriam ser dos domínios do seu meretrício, que seria uma espécie de alinhamento para fazer existir uma ordem moral desse lugar. O que chamo de contraordenação é um horizonte crítico para uma discussão sobre as *linhas* textuais e extra textuais que se acumularam para construir uma ordem urbana e social pelas ordens de costumes sexuais que estaria sob ameaças pelos hábitos corporais e espaciais classificados como (im)propriedades desse “meretrício”.

O corpo numa história da prostituição não são apenas os corpos de uma mulher e seu cliente numa prática sexual venal. Aliás, essa própria história não se define somente como uma experiência de mulheres que negociaram comercialmente o sexo. Discutir historicamente a prostituição, portanto, é considerar diferenças e descontinuidades, é pensá-la não em termos de condições e relações substantivas, invariáveis, restritivas e exclusivas, como uma questão específica das mulheres e da venda dos seus corpos. Não obstante, mulheres, sexo e dinheiro poderiam e podem ser definidos em tipos de relações sob outros nomes, como casamento e sua família conjugal, cujas representações, por outro lado, não se produziriam com os estigmas que estariam na prostituição. A propósito, a antropóloga Dolores Juliano propõe que tais marcas não teriam a ver “com o que as trabalhadoras sexuais são ou fazem”, configurando mais “um potente elemento de controle para as mulheres que não atuam na indústria do sexo”. Para Juliano, as posições de mãe e esposa, com suas abnegações e sacrifícios característicos, seriam supostamente compensatórias (e persuasivas, sobretudo ostensivas) se e como contrapartidas de uma possibilidade considerada nesse argumento pior: a prostituta³.

Referencial teórico, Resultados e Discussão:

³ JULIANO, Dolores. **El trabajo sexual en la mira: polémicas y estereotipos**. Cuadernos Pagu. Julho-dezembro de 2005.

A prostituição como contrário e oposto da conjugalidade é o efeito de tecnologias discursivas e não discursivas que formam e atravessam o corpo, é também o funcionamento e a resistência de técnicas corporais que refratam problemas morais, jurídicos e administrativos nos arranjos urbanos de uma cidade. Nessa perspectiva, portanto, a prostituta não seria o que haveria de estranho a um *lugar* ou a uma *esposa*, algo externo a ser assim reconhecido e tratado, mas um *álibi* na produção mesma desses termos relacionais. Como em Fortaleza na primeira metade do século XX, a prostituição é um problema de micropolítica⁴, um pretexto para pensarmos uma produção de corpos e espaços na e para a cidade, desdobrando o que Felix Guatarri apontou quando disse que seria estudando essas relações microfísicas “que se poderia esclarecer, sob uma nova luz, pedaços inteiros da micropolítica conjugal e familiar – a relação de dinheiro entre o marido e a mulher, os pais e os filhos, e, mais além, o psicanalista e seu cliente”⁵. Com as falas e práticas para a prostituição nas primeiras décadas do século XX em Fortaleza, o que se quer pensar é uma configuração urbana funcionando numa espacialização de uma economia dos usos corporais, nas formas das suas projeções e identificações como leis, normas, desvios, principalmente na pressuposição para um recorte como cena municipal do corpo e do espaço da prostituta. Ou seja, um jogo de justaposições e superposições, que aqui se decompõe sob o horizonte não de um corpo próprio de um indivíduo, mas uma corporeidade produzida em múltiplos investimentos de formação, disciplina, controle. O corpo da prostituta, portanto, seria o corpo da cidade da prostituição, ou os corpos como *álibi* da cidade, uma cartografia de inscrições burocráticas, científicas, morais, legais, das quais emerge uma malha de movimentos e percepções de corpos, os quais também seriam a burocracia, o saber, o juízo, a norma como corpos inscritos.

A propósito, na discussão foucaultiana sobre uma “governamentalidade” moderna, com o sexo (a sexualidade) como um dos eixos centrais dos investimentos dessas formas disciplinares e biopolíticas de poder, a circulação dos corpos e de suas secreções, sobretudo as diretamente relacionadas com a prática sexual, são pontos

⁴ Como forma e efeito do funcionamento das “tecnologias modernas do poder”, a micropolítica é uma dimensão descentrada, capilar e positiva do poder, cujo objetivo não seria o “corpo social”, tal como o definiram os juristas, mas o “corpo múltiplo, a população”, emergindo em índices, estatísticas, projeções econômicas, demográficas e biológicas, por exemplo.

⁵ GUATTARI, Felix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: editora Brasiliense, 1985, p. 37.

estratégicos dessa “moderna arte de governar a vida”⁶. A prostituição definida como um problema da modernidade urbana, deste modo, com a formação de impasses sobre as suas condições e controle, pode ser entendida como mais uma *face* dos desdobramentos dessa “sexopolítica”⁷, mais outra formação de sujeitos e objetos desses planos e disputas de poder. Uma pertinência dessa produção de corpos da prostituição (especialmente o da mulher que se prostitui) para essa lógica de governo estaria numa astúcia de um controle não por sentenças condenatórias, mas por distribuições e especulações de desvios. Seus procedimentos materiais e não materiais fazem desses corpos uma questão remissiva, como técnicas de um corpo alusivo.

Considerações finais:

O projeto cívico-militar que foi a construção de um endereço para onde deveria ser deslocado o circuito do meretrício de Fortaleza no final dos anos 1930, no desdobramento de debates e ações que marcaram as concepções e práticas dessa questão na cidade nessas primeiras décadas do século, estaria no bojo de uma estratégia de estabilização corporal e espacial da prostituição. Para essa profilaxia topográfica⁸, uma espécie de parceria público-privada tomaria forma na soma das iniciativas desse empreendimento. Um complexo urbanístico-arquitetônico-financeiro-militar-pornográfico, do qual fizeram parte a iniciativa de particulares, a prefeitura, órgãos de saúde pública, a polícia, o exército. Um “campo de concentração” para dar à cidade o seu preservativo estatal⁹, sua outra forma de controlar (pela produção, reprodução e

⁶ Sobre a noção de “governamentalidade” e da sexualidade como um dispositivo do funcionamento do biopoder, entre outros, ver: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008; _____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010; _____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Edições Graal, 2009.

⁷ PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

⁸ Para essa discussão, considera-se a noção de “urbanismo terapêutico” que Michel Foucault discute na sua análise sobre uma espacialização do poder psiquiátrico além do ambiente hospitalar e também a definição desse mesmo autor sobre a “cidade operária” oitocentista europeia, que teria na sua disposição espacial uma forma de controle legal e normativo. Sobre isso, ver: FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes; _____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

⁹ Ao comentar o projeto de estatização dos bordéis franceses no século XVIII feito pelo escritor Restif de La Bretonne, Paul Beatriz Preciado sintetiza essa proposta na imagem de uma cidade sendo coberta por um preservativo.

distribuição) seus corpos, dentro de diferenciações sexuais, raciais, sociais. Essa ideia de uma “gestão de espaços de prostituição” veio em variações da incorporação desse tema pelos discursos médicos e legais desde o século XIX na Europa e na América, seguindo no século XX em experiências como a da ilha de Porto Rico, que fez da segregação sexual dos espaços também uma lógica de separação racial, configurando o lugar legítimo da reprodução (a casa da família branca) e o lugar da prostituição, onde estariam (deveriam estar) os corpos de “mulheres pobres não brancas”¹⁰.

A chamada Vila Gonçalves, o condomínio-prostíbulo de Fortaleza, cujo consórcio estatal e privado foi estimulado pelo Capitão Cordeiro Neto, seria essa perspectiva de diferenciação em termos de sexualidade e de racialização de corpos e espaços, além de uma equação para o acúmulo pecuniário direta e indiretamente desses investimentos oficiais e não oficiais, também acumulando controle pelo seu provável endividamento. Segundo o delegado Hugo Victor, com a construção de mais cinquenta e cinco casas nessa Vila, o objetivo era deslocar “mais cerca de quinhentas e seiscentas mulheres” que se localizavam no centro da cidade¹¹. Com essas medidas e com a construção pela polícia do seu “muro que veda a vista do pessoal de fora”, esse mecanismo poderia impedir também *confusões* corporais e espaciais na cidade, tanto por causa de olhares quanto de ruas e janelas. Diferenças de usos sexuais de corpos e espaços da cidade seriam produzidas nessas diferenciações corporal e espacial da pornotopia urbana, com aspectos do seu funcionamento na configuração de um corpo sugestivo, como ameaça normativa e legal, pois, ao “retirar” as prostitutas do centro, elas “continuariam” lá como interdição, infração, desvio, ou seja, como signos e materiais da ordem e dos bons costumes.

Referências:

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal, 2009.

¹⁰ Sobre o controle sexual e racial dos espaços em Porto Rico, ver: LAZO, Nieve de lós Ángeles Vazquez. **Meretrices: la prostitución en Puerto Rico de 1876 a 1917**. Hato Rey: Publicaciones Puertorriqueñas, 2008; PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

¹¹ **Jornal Gazeta de Notícias**, 11 de maio de 1938.



FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: editora Brasiliense, 1985.

JULIANO, Dolores. **El trabajo sexual en la mira**: polémicas y estereotipos. Cadernos Pagu. Julho-dezembro de 2005.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.